

A EPISTEMOLOGIA DE SPINOZA COMO FUNDAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

Mariana Figueira Secafim¹

Mariana Honório de Alencastro Scannavino²

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre como os conceitos filosóficos de Baruch Spinoza podem contribuir para uma educação emancipadora. Frente a um cenário educacional em crise — marcado por fragmentação curricular, esgotamento docente e instrumentalização do ensino — retomar Spinoza representa uma possibilidade de ressignificar as práticas pedagógicas com foco na autonomia, liberdade e valorização da vida. A epistemologia spinozista, fundamentada nos gêneros de conhecimento (imaginação, razão e intuição), na união entre corpo e mente e na centralidade dos afetos, oferece uma visão integrada do conhecimento. Enquanto a imaginação está ligada a saberes fragmentados e crenças herdadas, a razão permite a formação de ideias adequadas e ações autônomas. Já a intuição representa um saber direto e libertador. Essa concepção não é apenas uma teoria do conhecimento, mas também uma ética da existência, com implicações fundamentais para a educação. Nesse contexto, o texto propõe práticas pedagógicas alinhadas com tais ideias, como rodas de conversa, projetos interdisciplinares, metodologias ativas, avaliação formativa e o fortalecimento das relações afetivas e corporais no processo educativo. Referências contemporâneas como Antônio Damásio, Francisco Varela e Jorge Larrosa são mobilizadas para explorar o papel da corporeidade, da escuta ativa, da convivência democrática e da justiça restaurativa. As tecnologias digitais também são abordadas de forma ética e criativa, destacando seu potencial para ampliar a autoria e a colaboração. Por fim, o artigo conclui que a filosofia de Spinoza não deve ser aplicada de forma direta à prática educativa, mas sim ativada como inspiração crítica. Educação, nesse sentido, torna-se um ato de resistência e um exercício de ampliação da potência de existir em liberdade e coletividade.

Palavras-chave: Spinoza, Educação emancipadora, Afetos, Corpo e mente, Autonomia.

1. INTRODUÇÃO

A educação do século XXI se encontra em um território paradoxal: ao mesmo tempo em que acumula avanços no acesso, na diversidade de saberes e nas tecnologias, enfrenta desafios crescentes em relação ao sentido formativo da escola. As práticas pedagógicas muitas vezes se veem reduzidas à lógica da produtividade e do desempenho, desconectadas das experiências reais dos sujeitos que compõem o cotidiano escolar. Multiplicam-se os sintomas dessa crise:

¹ Doutoranda em Educação na linha de pesquisa educação em ciências e educação matemática pelo Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso

² Doutoranda em Educação na linha de pesquisa educação em ciências e educação matemática pelo Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso



evasão escolar, desmotivação discente, esgotamento docente, fragmentação curricular e crescente tecnicismo na formação.

Nesse cenário, torna-se urgente recuperar perspectivas filosóficas que permitam ressignificar a educação como experiência ética, estética e política. É nesse movimento de reinvenção do ato de educar que a filosofia de Baruch Spinoza (1632–1677) adquire notável atualidade. O pensador holandês, ao conceber o conhecimento como potência de agir e libertação, nos convida a compreender que o saber não é apenas acúmulo de informações, mas transformação da existência. Educar, nesse sentido, é favorecer condições para que os sujeitos ampliem sua capacidade de compreender a si mesmos, os outros e o mundo que habitam.

Ao romper com a separação entre corpo e mente, Spinoza propõe uma ontologia da unidade, na qual o conhecimento emerge da relação entre razão e afeto, entre ideia e sensação, entre pensamento e corporeidade. Isso implica um reposicionamento do educador: não mais como aquele que transmite conteúdos prontos, mas como alguém que provoca, acolhe e potencializa os processos singulares de produção de sentido.

Expandindo essa perspectiva, autores como bell hooks (2013) também apontam para uma educação que rompe fronteiras, integrando dimensões afetivas, éticas e políticas do conhecimento. Em consonância, Sousa Santos (2020) defende uma pedagogia contra hegemônica, que reconheça os saberes plurais e os territórios epistemológicos esquecidos pela tradição ocidental. Ao lado de Spinoza, esses pensadores oferecem uma trama potente para reconectar a educação à vida.

Este artigo tem como objetivo discutir as implicações da epistemologia spinozista para a educação contemporânea, especialmente no que se refere à constituição de uma pedagogia emancipadora. Para tanto, percorre os principais conceitos de sua obra, sendo eles: os gêneros de conhecimento, a crítica ao dualismo mente-corpo e a centralidade dos afetos, e os articula com práticas pedagógicas que valorizam a integralidade do sujeito. A análise dialoga ainda com pensadores como Paulo Freire, António Damásio e outros, além de considerar os princípios da BNCC que orientam a formação integral dos estudantes na escola pública brasileira.

Trata-se, portanto, de reconhecer que a filosofia pode e deve ocupar lugar no debate educacional. Ao tomar Spinoza como interlocutor, não buscamos aplicar uma teoria ao campo da pedagogia, mas ativar sua potência como provocação. Porque, como nos ensina o próprio



A decorative banner featuring a collage of educational icons and flags. From left to right, it includes: a yellow flag with a red gear-like sun, a red flag with a white star and rainbow, a white flag with a blue book icon, a red flag with the word 'con' in white, a yellow flag with a white star, a blue flag with a yellow sun, a red flag with a white book icon, a blue flag with the text '+educação' in yellow, a blue flag with a white graduation cap, a yellow flag with a white star, a red flag with a white lightbulb, a blue flag with a white '3' symbol, a red flag, and a blue flag with a white gear-like sun.

A decorative banner featuring a collage of educational icons and flags. From left to right, it includes: a yellow flag with a red gear-like sun, a red flag with a white star and rainbow, a white flag with a blue book icon, a red flag with the word 'con' in white, a yellow flag with a white star, a blue flag with a yellow sun, a red flag with a white book icon, a blue flag with the text '+educação' in yellow, a blue flag with a white graduation cap, a yellow flag with a white sun, a yellow flag with a white star, a red flag with a white lightbulb, a blue flag with a white '3' symbol, a red flag, and a blue flag with a white sun.

Assim, superar o dualismo cartesiano é não apenas uma tarefa filosófica, mas pedagógica. Trata-se de reconhecer a criança, o jovem ou o adulto não como aluno no sentido passivo do termo, mas como um sujeito vivo, sensível, criador de sentidos. Isso rompe com práticas escolares que ainda se baseiam na obediência corporal e na disciplina rígida, e abre caminho para uma educação mais ética, estética e afetiva.



4. AFETOS, LIBERDADE E EDUCAÇÃO

Se há um conceito que atravessa toda a filosofia de Spinoza, esse conceito é o de afeto. Afetar e ser afetado não é uma exceção, mas a condição existencial de todo ser. Os afetos, segundo o autor, são variações na potência de existir. Podem ser ativos, quando brotam do próprio entendimento, ou passivos, quando somos dominados por causas externas que não compreendemos.

Para Spinoza, o maior inimigo da liberdade não é a ignorância em si, mas a submissão aos afetos tristes: medo, ódio, ressentimento, inveja. São essas forças que nos mantêm em estado de servidão, sem clareza sobre nossas ações e reações. Em contrapartida, os afetos alegres, ativos, nascem do conhecimento adequado e ampliam a potência de agir.

Essa concepção é extremamente potente para a educação. Perguntar-se sobre quais afetos circulam na escola é perguntar-se sobre quais forças mobilizam ou imobilizam os processos de aprendizagem. O medo da reprovação, o desinteresse, a vergonha, a apatia, muitas vezes não são sinais de incapacidade intelectual, mas efeitos de um ambiente escolar que reprime, silencia e hierarquiza.

A pedagogia emancipadora, inspirada em Spinoza, é aquela que cultiva afetos ativos: a curiosidade, a alegria de descobrir, o prazer de pensar, o desejo de transformar. É o que Freire (1996) chamava de Pedagogia da Esperança, fundada na confiança no outro e na possibilidade de aprender em diálogo. Essa proposta dialoga diretamente com os princípios da BNCC, que propõe o desenvolvimento da empatia, da escuta, da autonomia, da colaboração e da responsabilidade social. Essas competências não são meramente técnicas: envolvem um trabalho afetivo profundo, que exige do professor sensibilidade, ética e compromisso com a formação integral do estudante.

Podemos pensar, por exemplo, em práticas como rodas de conversa, projetos interdisciplinares baseados em problemas reais, produção de narrativas pessoais, análise crítica de notícias e espaços de escuta ativa. Essas metodologias não apenas transmitem conhecimento, mas também criam vínculos, ativam o desejo de aprender e fazem com que o estudante se sinta parte de algo maior: uma comunidade de pensamento e de vida.



No entanto, é preciso reconhecer que as possibilidades desses bons encontros e afetos ativos estão profundamente condicionadas pelas estruturas sociais que atravessam a escola pública brasileira. Violência urbana, racismo institucional, evasão escolar, precarização docente e exclusão digital afetam diretamente a potência de aprender. Não se trata apenas de desafios didáticos, mas de realidades que moldam o cotidiano escolar, limitando ou fortalecendo as experiências formativas.



Inspirada por autores como Larrosa (2002), a pedagogia da presença reconhece que a aprendizagem se dá no encontro entre indivíduos. Isso exige do educador mais do que domínio de conteúdo, exige disponibilidade, sensibilidade e abertura para o que o outro traz. A presença, nesse contexto, não é mera coexistência física, mas uma forma de escuta atenta e de afetação recíproca.

Um dos efeitos mais nocivos da escolarização moderna é a aceleração do tempo e a padronização das experiências. Inspirar-se em Spinoza é também resistir à lógica produtivista e criar ambientes onde o tempo do aprender seja respeitado. Isso implica aceitar que a compreensão verdadeira exige maturação, que a dúvida é produtiva e que errar faz parte do processo formativo.

Em tempos de massificação tecnológica, é urgente repensar o papel das mídias digitais na educação. Não se trata de substituir o professor por plataformas, mas de utilizar os recursos tecnológicos de forma crítica, criativa e colaborativa, ampliando as formas de expressão, investigação e autoria dos estudantes. Ferramentas como portfólios digitais, podcasts, mapas mentais interativos e redes de aprendizagem podem ser integradas a projetos educativos com intencionalidade emancipadora.

Diversas escolas públicas e privadas no Brasil têm experimentado formas inovadoras de organização curricular, gestão democrática e práticas pedagógicas transformadoras. Escolas que adotam princípios de educação integral, projetos de vida, assembleias escolares, mentorias afetivas e redes de cuidado entre estudantes e professores demonstram que é possível criar ambientes de aprendizagem mais humanos, éticos e potentes.

Essas práticas não são exaustivas nem exclusivas, mas indicam um horizonte possível para a reinvenção da educação como espaço de produção de liberdade. Em todas elas, o papel do professor deixa de ser o de “ensinador” e passa a ser o de provocador de mundos, ou seja, alguém que cria condições para que os estudantes se afetem, se transformem e se tornem agentes de sua própria história.

Nesse sentido, a seguir são destacados alguns exemplos de práticas pedagógicas inspiradas na filosofia de Spinoza, que articulam corporeidade, afetos, autoria e engajamento social:

Tabela 1: Práticas Inovadoras Inspiradas na Filosofia de Spinoza

Categoria	Exemplos práticos
-----------	-------------------



Corporeidade e afeto	Educação somática, dança, oficinas de arte, mindfulness, teatro, yoga escolar
Intervenção social	Projetos comunitários, hortas escolares, mutirões estudantis, grêmios e ações de engajamento cívico
Tecnologias emancipadoras	Podcasts, portfólios digitais, documentários escolares, plataformas colaborativas (como Padlet ou Canva)
Justiça restaurativa e escuta	Rodas de escuta, círculos de cultura, assembleias escolares, mediações de conflitos com foco restaurativo
Cultura e protagonismo juvenil	Slams de poesia, saraus escolares, produções audiovisuais autorais, redes de cuidado entre pares

Fonte: Elaborada pelas autoras

Essas experiências, muitas vezes desenvolvidas em escolas públicas de periferia ou em contextos de vulnerabilidade, demonstram que é possível produzir uma educação potente, ética e criadora mesmo diante das adversidades. Elas revelam que práticas educativas emancipadoras não dependem apenas de grandes recursos, mas de uma mudança de olhar: ver a escola como território de invenção coletiva, onde a vida pulsa, resiste e se reinventa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, argumentamos que a epistemologia de Baruch Spinoza oferece ferramentas potentes para repensar a educação em tempos de crise e transformação. Sua filosofia, centrada na ideia de que conhecer é libertar-se e que corpo e mente formam uma unidade indissociável, propõe um projeto ético de fortalecimento da vida, ou seja, um projeto que tem muito a dizer à escola contemporânea.

Educar, à luz do pensamento spinozista, é criar as condições para que os indivíduos deixem de ser passivos diante das ideias, dos afetos e das estruturas sociais. É cultivar a razão sem desprezar os afetos; é reconhecer o corpo como meio de conhecimento; é favorecer a alegria de compreender como antídoto à pedagogia do medo. É, em última instância, assumir o ato educativo como produção de liberdade.

Esse projeto não ignora os desafios concretos enfrentados pelas escolas públicas: precarização, violência, desigualdade, falta de reconhecimento profissional. Pelo contrário, é



Por fim, cabe ressaltar a importância de investigações futuras que articulem a epistemologia spinozista a práticas pedagógicas emergentes, como as pedagogias da escuta, do



A decorative banner featuring a collage of educational icons and flags. From left to right, it includes: a yellow flag with a red gear-like sun, a red flag with a white star and rainbow, a white flag with a blue book icon, a red flag with the word 'con' in white, a yellow flag with a white star, a blue flag with a yellow sun, a red flag with a white book icon, a blue flag with the text '+educação' in yellow, a blue flag with a white graduation cap, a yellow flag with a white sun, a yellow flag with a white star, a red flag with a white lightbulb, a blue flag with a white '3' symbol, a red flag, and a blue flag with a white sun.

SPINOZA, Baruch. **Ética demonstrada segundo a ordem geométrica**. Trad. Tomás da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A mente incorporada**: ciência cognitiva e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.

